

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

DANIELA DE LIMA CARVALHO

O ENSINO DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA –
COM A PALAVRA OS PROFESSORES.

Goiânia

2013

DANIELA DE LIMA CARVALHO

O ENSINO DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA –
COM A PALAVRA OS PROFESSORES.

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da professora Dra. Nilva Pessoa de Souza.

Goiânia

2013

A educação, que está interessada em um indivíduo capaz de atuar, realiza-se como uma ação comunicativa. Com isso, entende-se uma ação que não tem por objetivo transmitir significado, mas sim visa muito mais à compreensão das diretrizes e objetivos de ação. Através da atuação na prática e da reflexão, deve ser possibilitada ao educando uma compreensão do “seu mundo” e da realidade social, uma conscientização das condições, possibilidades e consequências de seu agir: explicação e reflexão próprias, em vez de manipulação. Para isso é necessário encarar seriamente as crianças e os jovens como sujeitos que são capazes de atuar no seu mundo.

Reiner Hildebrandt-Stramann

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e Nossa Senhora que me protegem, me orientam e me abençoam. Aos meus pais, Fábio e Izaura, que sempre incentivaram e cobraram dos seus filhos dedicação nos estudos, mostrando sua importância e necessidade para nossa formação pessoal e profissional. Lembro-me de alguns puxões de orelha que hoje agradeço, pois sem eles eu não teria chegado até aqui. Enfim, a toda minha família, que me amparam e me acolhem nos momentos difíceis. Em especial, a Katita, pelo carinho, amizade e companheirismo.

A minha grande amiga e orientadora Prof. Dra. Nilva, pelos incentivos para que eu nunca pare de estudar, pelos conselhos e orientações durante esta pesquisa. A cada dúvida que surgia, a cada pergunta que lhe fazia, mais livros eu recebia, de sua biblioteca particular, para lê-los e interpretá-los a fim de me nortear e produzir este trabalho. Obrigada pela paciência e pela dedicação em ensinar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1.....	10
O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA.....	10
CAPÍTULO 2.....	16
ESPORTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS ATUAIS	16
CAPÍTULO 3.....	23
METODOLOGIA	23
3.1 Caracterizando a pesquisa.	23
3.2 Analisando os dados.....	25
3.2.1 Caracterizando os sujeitos e atuação profissional.	25
3.2.2 Planejamento nas aulas de Educação Física e no ensino do esporte.	26
3.2.3 O esporte na escola e nas aulas de Educação Física.....	34
APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS	37
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	40
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO	43

RESUMO

Este trabalho tem como temática o estudo sobre o ensino do esporte nas aulas de Educação Física. Tem como objetivo central investigar o trabalho dos professores de Educação Física em 11 Escolas Públicas de Goiânia, a fim de constatar como ocorre o ensino das modalidades esportivas nas aulas de Educação Física. A nossa participação direta e observacional do grupo de sujeitos, que foram foco dessa pesquisa, nos permitiu elencar o seguinte problema: A metodologia de ensino tratada no interior da escola não dá conta de materializar a aprendizagem dos esportes, tornando os alunos emancipados quanto as suas diferentes formas de fruição. Para dar conta de responder ao objetivo e problemas elencamos a pesquisa qualitativa do tipo descritiva, que foi realizada com 11 professores de Educação Física na rede pública de ensino. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos o questionário e, para a análise dos dados foram identificadas algumas categorias que permitiram apresentar o relatório final. De acordo com nossa análise chegamos a algumas aproximações conclusivas: os professores não trabalham de acordo com a teoria propalada, privilegiando alguns conteúdos em detrimento de outros. Mesmo os que em suas escolas possuem uma proposta curricular de Educação Física, a ignoram, realizando seu trabalho do jeito que lhes convier, inclusive, utilizando as aulas de Educação Física como espaço para treinamento. Dessa forma os alunos saem das escolas sem um acervo motor, que lhes deem autonomia para a prática de qualquer esporte, seja para o seu lazer ou para competição.

Palavra Chave: Educação Física, Esporte, Esporte Escolar.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com as mudanças ocorridas na Educação Física, o esporte deixou de ser o único conteúdo e passou a ocupar juntamente com a dança, as lutas, a ginástica e os jogos e brincadeiras o rol de conteúdos a serem trabalhados e desenvolvidos nas aulas. Contudo, essas mudanças, causaram certo desconforto em muitos profissionais, mesmo os que trabalhavam nos cursos de formação de professores, às vezes por não entenderem as abordagens da Educação Física ou mesmo por não dominarem esses conteúdos. Isso fez com que o ensino do esporte fosse modificado nas aulas de Educação Física, ao ponto de afirmarem que as abordagens críticas da Educação Física negavam o ensino do esporte na escola (KUNZ, 1994; COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Essas mudanças têm nos causado certa inquietação, pelo fato de ter sido atleta, árbitra de handebol e também é claro, professora de Educação Física e, percebermos que nos últimos anos o ensino de Educação Física tem ficado aquém do que deveria acontecer na escola. Afinal depois dos avanços conquistados com a LDB 9394/96, tornando a Educação Física como componente curricular, seu ensino na escola deveria ter uma qualidade diferenciada, que contribuísse para a formação humana em sua totalidade.

Entretanto, o que percebemos hoje é que os alunos estão saindo da escola sem ter um acervo motor que lhes deem autonomia frente aos conteúdos da Educação Física, principalmente dos esportes. Assim, os alunos não possuem domínio e nem conhecimento suficientes sobre o esporte, nem para o lazer, quanto mais para competição.

O enfoque do ensino, nas abordagens críticas da Educação Física, é maior no desenvolvimento global do aluno, considerando vivências anteriores, classe social e a cultura. Assim, as aulas de Educação Física não podem mais serem consideradas um seleiro para a descoberta de novos e futuros atletas e sim um local de apropriação e questionamentos do conhecimento ensinado.

O ensino do esporte na escola deve superar a mera repetição dos gestos, a seleção dos melhores, a exclusão e a classificação para dar lugar a um ensino que seja para todos, valorizando além das técnicas específicas de cada modalidade

esportiva, o conhecimento de como o esporte foi construído historicamente, e ainda, como ele vem sendo desenvolvido e até mesmo apropriado em nosso país e no mundo. Inclusive entender a dinâmica da realização de campeonatos nacionais e internacionais como as Olimpíadas Escolares e os Jogos Olímpicos. Haja vista que esse tipo de ensino pode dar ao aluno a capacidade de autonomia, reflexão e emancipação com base no conhecimento apropriado.

Souza; Baccin (2009, p. 134) afirmam que:

A técnica, da maneira como vem sendo trabalhada no âmbito da Educação Física Escolar, busca apenas a especialização de gestos mecânicos, de maneira que o aluno sequer tenha a possibilidade de compreender o processo de construção da mesma. Isso faz com que esse aluno seja apenas um repetidor de gestos mecânicos e não um sujeito participante do processo, pois todo o legado cultural que envolve a construção da técnica não é abarcado no seu processo de apropriação.

Neste sentido, Soares et al. (apud SOUZA; BACCIN 2009, p. 137) nos apresenta que:

Ensinar um esporte, enquanto conteúdo escolar implica considerar desde os seus fundamentos básicos, os seus métodos de treinamento, o seu “jogar” propriamente dito, até o seu enraizamento social e histórico, passando é claro pela sua significação cultural enquanto fenômeno de massas em nossos dias. Desse modo, o futebol, o voleibol, o basquetebol ou outra modalidade esportiva, deixam de ter um caráter apenas prático e passam a ter um caráter histórico social.

Outro fator relevante a ser observado é o fato de que a cada ano, o nível técnico dos jogos escolares de nossa cidade e estado tem decrescido, o que nos instiga a querer investigar qual o motivo que tem levado a isso. Observamos que com o passar dos anos decresce o nível técnico dos jogos escolares e também em número de escolas públicas participantes. Tal observação foi feita pela nossa vivência na arbitragem dos jogos escolares, que ocorre desde 1991. Refletimos se o problema ocorre nas aulas de Educação Física ou se é também a falta de carga horária específica para treinamento das equipes nas escolas.

Diante disso, tentando fazer um recorte nessa temática optamos por investigar como os professores de Educação Física tem direcionado o ensino dos esportes em suas aulas.

Para isso temos por objetivo investigar o trabalho dos professores de Educação Física em 11 Escolas Públicas de Goiânia, a fim de constatar como ocorre o ensino das modalidades esportivas nas aulas de Educação Física.

No capítulo 1 tratamos da evolução do Esporte nas aulas de Educação Física, perpassando pela origem da Educação Física nas escolas brasileiras, até os dias atuais.

No capítulo 2 teremos uma visão do esporte nas escolas dentro das perspectivas das abordagens críticas atuais. No capítulo 3 apontaremos a metodologia utilizada para esse trabalho e ainda, a análise dos dados da pesquisa. Em seguida apresentamos as considerações finais, referências bibliográficas e o apêndice.

CAPÍTULO 1

O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA.

Neste capítulo temos por objetivo fazer um breve relato da Educação Física, desde sua introdução nas escolas brasileiras até os dias atuais, principalmente no que se refere ao ensino dos esportes.

A origem da Educação Física nas escolas brasileiras, denominada na época de ginástica, teve forte influência europeia e foi baseada no referencial médico higienista largamente difundido no século XIX. Esse método, médico higienista, objetivava a educação do corpo para a manutenção da saúde, de um corpo forte e higiênico e principalmente porque os corpos saudáveis eram uma exigência do capital, das transformações econômicas que ocorriam no Brasil e no mundo, à industrialização. Um corpo reduzido a um de seus aspectos, o biológico, vinculado à saúde, destituído de historicidade, apenas repetições mecânicas de gestos e movimentos, sem nenhuma reflexão de sua prática:

Sempre vinculada à saúde biológica a Educação Física será protagonista de um projeto maior de higienização da sociedade. O corpo, do qual se ocupa, é o corpo anátomo-fisiológico. É ele que será a referência fundamental de seu desenvolvimento enquanto prática social [...] Em plena revolução industrial, o trabalhador se transforma em simples acessório das máquinas e necessita, cada vez mais, atenção e saúde para suportar as intermináveis horas sem descanso e em posições absolutamente nocivas ao seu corpo. Daí, a importância atribuída ao exercício físico, este novo “remédio” para os males “necessários” da nova ordem (SOARES, 1994, p.63-64).

Já no século XX, as escolas brasileiras utilizavam os “métodos ginásticos”, alemão, sueco e francês, como conteúdo das aulas de Educação Física, mas foi o método francês que se oficializou nas escolas brasileiras. Com fortes traços moral e patriótico a Educação Física tornou-se obrigatória nas escolas a partir de 1929. Soares relata que no ensino da Educação Física Escolar:

[...] privilegiam em suas propostas pedagógicas aquela de base anatomofisiológica retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este

desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. (1994, p.87-88)

Com o fim da ditadura no Brasil, instaura-se o Estado Novo, período entre 1937 e 1945, e surgem novas tendências para o ensino educacional brasileiro, tendo o esporte como forte conteúdo da Educação Física Escolar e principal elemento da cultura corporal. Auguste Listello auxilia na implantação do “Método Desportivo Generalizado”, em substituição ao método francês.

Esse método, Desportivo Generalizado, também é baseado na cultura europeia e a Educação Física tem grande importância como meio de inserção do esporte no espaço escolar. O Coletivo de Autores afirmam que:

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o Esporte da Escola, mas sim o Esporte na Escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas, etc. O esporte determina, dessa forma, o conteúdo de ensino da educação física, estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno-atleta. Não há diferença entre o professor e o treinador, pois os professores são contratados pelo seu desempenho na atividade desportiva (1992, p.54)

Dessa forma podemos observar que o objetivo da Educação Física Escolar naquela época foi a descoberta de novos atletas que representariam o país em competições internacionais, simbolizando o poder de uma nação baseados nos resultados obtidos nestas competições.

O esporte na escola baseava-se em regulamentação rígida, nas regras de cada modalidade, racionalização, orientação para o alto rendimento, repetições exaustivas, sobrecarga, método analítico de aprendizagem dos movimentos, contempla o aluno mais habilidoso em detrimento dos demais, etc., e tem dois princípios básicos: a sobrepujança, vencer a qualquer custo; e a comparação objetiva, chances iguais nas disputas esportivas, através da padronização dos espaços e das regras. (BRACHT, apud CAPARROZ, 1997; KUNZ, 1994).

As aulas que utilizavam o método desportivo generalizado objetivavam a iniciação esportiva e o rendimento, tendo o professor como “centro da aula”, ele determinava os comandos e os alunos eram meros executores, sem questionamentos do “porque” e “para que” executar as tarefas pré-determinadas. A relação entre professor-aluno é de treinador-atleta. Dava-se ênfase na esportivização dos conteúdos, restringindo os conhecimentos e os movimentos aos códigos esportivos (técnicas, regras institucionalizadas, etc.).

Se bem dotado esportivamente, o aluno tem a possibilidade de se orientar muito jovem na atividade de sua escolha e a oportunidade de aderir a uma seção especializada de um Clube ou Centro Esportivo, fora do estabelecimento, sem contudo descuidar da regularidade de sua participação nas atividades físicas do colégio. (LISTELLO, 1979, p.2)

A essência da disciplina Educação Física não foi alterada com a substituição da ginástica pelo esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Ainda se baseavam nos conceitos biológicos, tinham a visão dicotomizada de corpo e mente, pois o corpo continuava sendo entendido como máquina, visando o melhor desempenho orgânico. Contudo os métodos de ensino e aprendizagem não eram questionados e muito menos tínhamos a participação dos alunos na composição destas aulas. A Educação Física era identificada com o esporte-espetáculo, mantendo os interesses sociais, econômicos, políticos e disseminados pelos meios de comunicação de massa, pois *“o objetivo do nosso trabalho é a tentativa de provar a possibilidade de aliar a ação educativa à procura do melhor resultado esportivo em competição”*. (Idem, p.3)

As regras gerais seguidas nas aulas de Educação Física, baseadas no Método Desportivo Generalizado, deveriam ser seguidas por todos e o trabalho sendo metódico, racional, paciente e inteligente aumentaria o rendimento dos alunos, destacando-se os mais habilidosos, mais fortes e mais rápidos em cada modalidade esportiva. Os alunos eram separados por grupos, de acordo com seu grau de domínio da modalidade e promovidos ao grupo superior sempre que atingiam um maior e melhor domínio do esporte trabalhado nas aulas.

Está claro neste método a presença da exclusão do mais fraco, dos menos habilidosos e a seleção dos melhores para representar, inicialmente, as escolas em competições intercolégiais e a partir desses jogos a seleção dos melhores para a

representação dos estados em competições nacionais e finalmente representar o país em competições internacionais.

Listello (1979), afirmava que *“os professores direcionam suas aulas em função de suas predileções e competência e ele é o responsável técnico por uma atividade ou grupo de atividades”* e leva-se em consideração também as possibilidades do estabelecimento de ensino, ou seja, alguns conteúdos do esporte poderiam ser negados em função da preferência e domínio do professor ou pela carência do espaço escolar não permitir desenvolvê-lo.

Na década de 80 ocorreram profundas mudanças na Educação Física, os professores dos cursos de formação começaram a questionar e criticar os modelos vigentes, de como o esporte é tratado na escola, pois o que acontecia era o ensino do esporte nos mesmos moldes do esporte de alto rendimento na Educação Física Escolar. Eles defendiam o “esporte da escola”, tratando-o de forma diferente a ponto de ser um meio para a formação dos alunos e não trabalhá-lo como um fim para a descoberta de novos atletas para o país (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Vários autores, defensores dessa nova concepção de Educação Física, como o Coletivo de Autores (1992) e Elenor Kunz (1994), contribuíram com suas publicações, frutos de estudos e pesquisas, possibilitando mudanças em nossas práticas pedagógicas. Em seus trabalhos trouxeram novas visões, conceitos e metodologias que poderiam ser trabalhadas nas escolas, objetivando o desenvolvimento do aluno enquanto sujeito histórico, social, político e cultural e não o reduzindo somente ao corpo, separando o pensar do agir, como era anteriormente entendido.

As aulas de Educação Física não mais poderia representar o ensino de um único conteúdo, os esportes, necessitam, pois, desenvolver a complexidade, isto é, deve possibilitar aos alunos a aprendizagem de diversificadas formas de movimento e inúmeras experiências, a fim de alcançar a autonomia e emancipação frente aos conteúdos propostos.

Nessa nova visão do ensino da Educação Física, devemos superar a máxima exigência técnica na aprendizagem dos esportes, para oportunizar uma aprendizagem dos conteúdos privilegiados nas aulas. O ensino deve ser de tal forma que a técnica não se torne a centralidade da aula.

Contudo, a técnica deve estar presente nas aulas de Educação Física, pois faz parte de cada gesto, de cada movimento e nunca deve ser negada, nem tampouco elevada como objetivo principal. Cada esporte tem seus movimentos característicos e conseqüentemente uma técnica para melhor executar determinado gesto motor. Como negá-la aos alunos? O domínio técnico do movimento corporal, sem sombra de dúvida, melhora a *performance*, mas se dermos mais importância a ela estaremos sobrepujando aquele que não consegue realizá-la com maestria, como faz o atleta de alto nível.

O papel da Educação Física Escolar é propiciar aos alunos novas experiências e mais vivências de forma crítica e contextualizada. Compreendendo que podem modificar a realidade através de atitudes novas, enfim, devemos discutir criticamente o conceito de esporte e dar-lhe novos significados. Hildebrandt, afirma que:

Uma concepção pedagógica que reflita criticamente sobre este conceito de esporte tem de figurar na aula de Educação Física de maneira que os alunos tenham a possibilidade de entender o esporte e mudá-lo de acordo com os seus interesses, suas necessidades e seu próprio modo de vida. Ampliação do significado do movimento para significados mais expressivos, mais comunicativos, mais explorativos e mais produtivos. (2001, p.42)

Devemos priorizar em nossas aulas o esporte na escola no sentido de contextualizá-lo historicamente, desde a sua forma de jogar, suas regulamentações e respeito às regras, até os gestos característicos de cada modalidade, principalmente apontando as adaptações que podemos realizar na escola, para que a aprendizagem seja garantida a todos.

A competição faz parte do jogo, o confronto direto é necessário para que o jogo aconteça e os adversários buscam o mesmo objetivo, a vitória, mas sempre respeitando o outro. (COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 1994)

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”, e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.71)

Ainda em relação ao esporte na escola preparando as crianças e adolescentes para a competição, Belbenoit nos mostra a importância e o lugar da competição e principalmente a forma como devemos entendê-la. Ele afirma que:

Introduzir a iniciação ao desporto de competição nos programas ou na vida escolar não é aceitar para a escola a missão expressa de produzir atletas capazes de assegurar o prestígio desportivo do país. Esse pode ser um efeito secundário, que não é caso para recusar. Não poderia ser esse o objetivo principal, que continua a ser o alargamento a todos de uma gama tão extensa quanto possível de atividades formativas: se admitimos a competição, é porque lhe teremos reconhecido virtudes educativas. E não se trata naturalmente de competição no ideal, em qualquer paraíso diante da porta dourada, mas tal como a podem viver, ou vê-la viver, crianças e adolescentes de hoje. (1974, p.107)

Está bastante claro que o esporte de competição não é o objetivo principal nas aulas de Educação Física Escolar, nem tampouco produzir atletas, mas sim proporcionar aos alunos o maior número de atividades possíveis que auxiliarão na sua formação. A competição faz parte do dia a dia do ser humano e ela nasce com o desejo de fazer melhor, de provar para si mesmo que é possível vencer qualquer obstáculo, seja nos caminhos do aprendizado, em confronto com o outro, no lazer ou em eventos esportivos se assim o aluno escolher praticá-lo fora da escola, num outro contexto.

Entendemos assim, que o papel da Educação deve ser de tal forma que o seu ensino:

Reside no fato de que o homem como um ser corpóreo e motriz necessita de aprendizagem e experiência, para lidar de forma adequada com sua corporalidade e seus movimentos. Proporcionar ao aluno uma autêntica experiência corporal parece que deve ser uma busca constante do professor de Educação Física, seja qual for o conteúdo específico de sua aula (GONÇALVES, 1994, p. 148).

Assim, além de dar aos alunos experiências significativas e novas aprendizagem através, inclusive, dos esportes, o professor deve ter em vista a promoção da liberdade pessoal, autonomia e emancipação dos alunos, para que eles possam *“compreender a si mesmo e a seu mundo, desvelando as mútuas relações que, tanto em nível pessoal como social, são historicamente condicionadas”* (GONÇALVES, 1994, p. 127).

No capítulo seguinte, buscamos dialogar com autores que tem dedicado esforços para indicar formas em que o ensino do esporte pode e deve ser tratado na escola. Contudo seu ensino deve ser pautado numa perspectiva de ressignificação e reinventado para que possam dar autonomia de prática e opção para os alunos.

CAPÍTULO 2

ESPORTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS ATUAIS

A ideia central desse capítulo é fazermos uma discussão acerca do esporte enquanto conteúdo de ensino, utilizando como ponto de partida as abordagens críticas da Educação Física, no sentido de apresentar como ele deve ser tratado como fenômeno cultural e social, enquanto mais um dos conteúdos da Educação Física Escolar.

O Coletivo de Autores (1992) relatam que o esporte é um dos elementos da Cultura Corporal e é tratado nas escolas de forma crítica-superadora, evidenciando o *“sentido e significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio histórico” (p.41)*. Quanto a isso, o Coletivo de Autores nos apresenta que:

Erro/acerto, vontade coletiva, valores éticos, morais e políticos, habilidades e domínio técnico são determinações para as mudanças qualitativas. Essas ainda se relacionam a outras determinações, como, por exemplo, outras técnicas, táticas, espaços físicos, materiais, processos pedagógicos, relações sociais (posição que cada qual ocupa no esporte e como cada jogador se relaciona com o outro – cooperando ou explorando) com as instituições sociais (normas, campeonatos) etc. (idem, p.41)

A abordagem crítico-superadora é pautada num projeto histórico para transformação desta sociedade em que vivemos. Através da cultura corporal quer contribuir para a formação do cidadão, para que possa ter uma melhor compreensão do mundo e tomar consciência de que ele pode transformar a realidade socio-político-econômico em que vive.

De acordo com essa abordagem, a cultura corporal, jogos, esportes, ginástica, dança, lutas, foi historicamente construída e acumulada pela humanidade e devemos, como educadores, transmitir o conhecimento socialmente produzido para nossos alunos que, de forma crítica, poderão reconstruí-los em face da sua realidade social.

Os conteúdos de ensino partem dos conteúdos culturais universais incorporados pela humanidade, e com autonomia, os professores e os alunos podem reavaliá-los de acordo com a realidade social em que a escola está inserida.

Os conteúdos devem ter relevância social, contemporaneidade e adequados às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O professor é um educador e mantém uma relação de compromisso, respeito e reciprocidade para com os alunos e para com a educação. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.26):

É preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue: Quais os interesses de classes que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade?

Professores e alunos devem buscar práticas avaliativas criativas, identificar e superar os conflitos que surjam durante o processo de ensino aprendizagem. Avaliar os alunos em todos os momentos da aula e a partir daí o professor coleta dados e informações sobre o conhecimento adquirido pelos mesmos.

Assim, na abordagem crítico-superadora o esporte será tratado nas escolas de forma crítica, dando-lhe sentido e significado aos seus valores, as normas que o regulamentam e principalmente contextualizá-lo historicamente. Considera o ritmo individual de cada aluno, privilegia o coletivo sobre o individual, a solidariedade, o respeito humano e o tempo necessário para a apreensão do conhecimento transmitido. O ensino do gesto técnico de cada esporte também está presente nas aulas de Educação Física, e não pode ser negada, pois os gestos técnicos fazem parte do conhecimento a ser transmitido e necessário no momento do jogo, seja no lazer ou na competição.

Elenor Kunz (1994), trás uma nova abordagem para a Educação Física, intitulada de crítico-emancipatória, que apresenta pressupostos claros para o ensino do esporte, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar. Sua base teórica se pauta na teoria sociológica da razão comunicativa, de Habermas, em que normas sociais se constituem a partir da relação entre sujeitos capazes de comunicação e ação. O objeto de estudo é o movimento humano e utiliza-se dos esportes, da dança e atividades lúdicas para tal, utiliza-se do se-movimentar do homem.

O enfoque da abordagem crítico-emancipatória não é o alto rendimento, mas modificar o processo de aprendizagem dos conteúdos nas escolas, proporcionando aos alunos conhecer e aplicar o movimento conscientemente, alcançar uma melhor

performance física e técnica, dar relevância, sentido e significado para a aquisição de habilidades de forma efetiva.

Quanto ao professor de Educação Física, Kunz afirma que ele:

[...] deve propiciar pela historicidade do seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das encenações esportivas. Sua intencionalidade pedagógica não é apenas auxiliar o aluno a melhor organizar e praticar o seu esporte, ou seja, encenar o esporte de uma forma que dele possa participar com autonomia, mas é acima de tudo uma tarefa de reflexão crítica sobre todas as formas da encenação esportiva (1994, p.67).

A abordagem crítico-emancipatória privilegia a avaliação do processo ensino-aprendizagem, valoriza o trabalho coletivo, a participação e cooperação nas aulas, considera as vivências e experiências anteriores, a subjetividade, sempre respeitando as dimensões afetivas, cognitivas, sociais e motoras dos alunos.

O aluno é o sujeito do processo de ensino e enquanto professor devemos capacitá-los para que sua participação na vida social, cultural e esportiva tenha sentido e significado em sua formação. Ou seja, capacitá-lo para conhecer, reconhecer e problematizar situações de sua vida, refletindo criticamente e assim transformar o seu mundo e a sociedade.

A capacidade de ação comunicativa não é fácil de desenvolver, mas é apreendida através da linguagem, tanto verbal quanto o “ser corporal” do sujeito, a linguagem do “se movimentar”, do corpo em movimento. Habermas (1981); apud Kunz (1994, p.30) afirma que:

O que nos eleva acima da natureza é a única coisa que podemos conhecer de acordo com sua própria natureza: a linguagem. Através de sua estrutura coloca-se para nós a maioria [...] Ações comunicativas como uma interação simbolicamente mediada. Ela se orienta em normas obrigatoriamente válidas, que definem as expectativas recíprocas de conduta e que devem ser compreendidas e reconhecidas por no mínimo dois sujeitos agentes.

Nas aulas devemos privilegiar o desenvolvimento humano, desenvolver as potencialidades de cada aluno, as relações interpessoais, deixar claro quais os objetivos queremos alcançar, para que e por que ensinar o conteúdo esporte, com quais intenções iremos ensiná-lo, mostrar as diferentes formas que poderemos praticá-lo. Enfim, contextualizar e conscientizar o aluno de que, por exemplo, o esporte, de uma forma geral, tem vários pontos positivos e negativos.

O lado positivo corresponde ao prazer de praticar o esporte, como lazer, diversão ou competição e promover o desenvolvimento adequado de crianças, jovens e adultos. O esporte proporciona ainda, benefícios à saúde física e mental, ao convívio social, redução do *stress*, realização pessoal e principalmente melhora a qualidade de vida e o bem-estar da população em geral.

O lado negativo do esporte, quando utilizado somente pelo modelo de alto rendimento, dissemina a alienação, exclusão, discriminação, a competição acirrada visando à vitória a qualquer custo, especialização prematura, inúmeras repetições de gestos, trazendo lesões prematuras em crianças, jovens ou adultos. O esporte que visa o alto rendimento têm os atletas como objetos lucrativos e não como seres humanos que têm limites.

Oliveira (1984) discute a questão do rendimento máximo, da discriminação nas aulas de Educação Física Escolar:

Nas escolas, a busca de campeões conduz à especialização prematura, inibindo o desenvolvimento do potencial psicomotor das crianças. Destas, passa a ser cobrada uma perfeição técnica na execução dos gestos esportivos. Os alunos passam a ser encarados como futuros atletas e não, simplesmente, como pessoas. As influências tecnicistas fazem com que a atividade do jogo esteja sistematicamente voltada para o desempenho e para os resultados de alto nível. Nesse caso, os menos habilidosos, que seriam os maiores beneficiários do esporte, são marginalizados e preteridos em benefícios dos talentos. A educação Física pode permitir essa discriminação? (apud CAPARROZ, 1997, p.139)

Ao tratar o esporte do ponto de vista educacional, Hildebrandt-Stramann (2001, p. 135) afirma que:

[...] trata-se de possibilitar ao indivíduo a participação concreta campo de ação (o esporte), de tal modo que as possibilidades pedagógicas do esporte e do movimento possam ser realizadas. Com isso, o esporte torna-se um objeto didático, isto é, ele é encarado do ponto de vista de objetivos pedagógicos como objeto de ação de alunos e professores. Esse tratamento didático do Esporte significa atribuir-lhe diferentes significados que irão dar origem a diferentes perspectivas para a sua realização prática pedagógica.

Isso quer dizer que o ensino do esporte, enquanto conteúdo da Educação Física necessita ser pautado no sentido de dar autonomia e emancipação ao aluno perante a suas escolhas. Ou seja, a aprendizagem do esporte deve dar opções ao aluno de escolher de que forma ele vai usufruir do esporte, seja como expectador, como praticante no seu tempo livre ou como atleta.

Nesse sentido a tarefa educacional da Educação Física é:

Enquanto processo individual a Educação Física desenvolve potencialidades humanas. Enquanto fenômeno social ajuda esse homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence. É uma ciência que tem que identificar as divisas entre o adestramento e a educação. É uma ciência que lida com pessoas, não com objetos... “Para que” ensinar está refletido nos objetivos a serem alcançados. “O que” ensinar sintetiza as necessidades dos alunos. “Como” ensinar implica fazer corresponder à ação à intenção pedagógica... Educação física é Educação, na medida em que reconhece o homem como arquiteto na construção de uma sociedade melhor e mais humana. Onde não será necessário “levar vantagem em tudo” (MARINHO, 2010, p.110 e 111).

Pensando na possibilidade de tratar o ensino do esporte de forma diferenciada nas aulas de Educação Física é importante consideramos que ele é:

[...] um campo de ação socialmente estabilizado, com diferentes estruturas, com objetivos predeterminados, formas de movimento e instituições, e também como possibilidade aberta para uma ação alternativa, livre e autodefinida (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001, p. 134).

Dessa forma, enquanto professores, necessitamos realizar um ensino que além de apresentar o esporte como ele é, com toda sua estrutura, organização e prática, também possibilitar novas formas alternativas de recriação e ressignificação do esporte, considerando as influências sociais, culturais e pedagógicas que agem sobre as ações esportivas e transformá-las em possibilidades práticas nas aulas de Educação Física.

Nessa dimensão de possibilitar a criação e a ressignificação do esporte nas aulas de Educação Física, os professores precisam considerar a organização pedagógica dos conteúdos em relação ao tempo pedagógico, ao espaço físico da escola, aos níveis de desenvolvimento dos alunos e aos conhecimentos prévios dos mesmos.

Assim, para que os conteúdos referentes aos esportes sejam tratados de forma pedagógica e significativa o professor precisa se preocupar com a organização sequencial dos conteúdos, do mais simples para o mais complexo, aprendizado gradual, respeitando as limitações e experiências de cada aluno. “*Significa dosar e sequenciar esse saber de modo a que o aluno passe a dominá-lo*” (SAVIANI, 1991; apud COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.29).

Martins também esclarece esses fatores:

Para a organização sequencial dos conteúdos, recomenda-se a observância de critérios, quais seja sequência lógica, coerente com a estrutura e o objetivo da disciplina, gradualidade na distribuição adequada em pequenas etapas considerando a experiência anterior do aluno; continuidade que proporcione a articulação entre os conteúdos; integração entre as diversas disciplinas (1991, p. 70).

Pelo exposto, entendemos que o conteúdo para o ensino dos esportes na Educação Física Escolar não pode ser apenas prático e nem fechado no sentido metodológico. A realidade deve ser constantemente problematizada, explicitar o que é o esporte e as possibilidades do que ele poderia se tornar com nossas análises e pensamentos críticos, tanto de professores quanto de alunos. Para Kunz, essa realidade traz novas exigências:

O ensino aqui pretendido, não é um ensino “fechado” que se concentra na aprendizagem de destrezas técnicas para o rendimento esportivo, e nem um ensino “aberto” para atender, na maior parte, os interesses do aluno – que não são reais, segundo a diferenciação que apresentei anteriormente. Este deve ser um ensino que se movimenta constantemente em um “abrir” e “fechar” de suas relações metodológicas [...] que conduzir o ensino na concepção crítico-emancipatória com ênfase na linguagem, é ensinar o aluno a ler, interpretar e criticar o fenômeno sociocultural do esporte. Crítica significa, neste sentido, conforme Mollenhauer (1972), a capacidade de análise das condições de racionalidade na forma que possibilite uma avaliação intersubjetiva. E, emancipação, para o mesmo autor, é a libertação do sujeito – no caso o jovem, aluno – das condições que limitam a sua racionalidade bem como de um agir social de forma racional (1994, p.37-41).

Acreditamos que o esporte pode e necessita de mudanças em seu ensino nas aulas de Educação Física, que ele é um fenômeno sócio-cultural que:

[...] sob essa perspectiva o esporte aparece como um campo de ação aberto, cuja construção social não pode exigir validade absoluta e cujas possibilidades não se esgotam com as formas de ação institucionalizadas. Os alunos devem compreender, através de experiências práticas, o esporte como um campo de ação aberto. Aqui, ele é visto como um objeto construído socialmente, que não tem validade absoluta. O esporte, assim, é pensado e deve ser considerado, na escola, como algo que pode ser criado com formas de ação não institucionalizadas (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001, p. 137).

Nesse sentido, nossa prática pedagógica deve ser na perspectiva da transformação da realidade e que a escola deve se tornar um espaço, em que, tanto professores e alunos possam entender que o esporte possui um espaço *“aberto de ação e de movimento, no qual os homens realizam suas ideias e necessidades e*

podem alterar criticamente o esporte existente” (idem, p. 137), transformando-o de acordo com suas escolhas.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Para analisar a situação de como o esporte está sendo tratado no campo educacional; entendemos assim como Molina Neto e Triviños (1999, p.55) que é necessário *“[...] conhecer como pensam os docentes, que teorias pedagógicas e psicológicas guiam suas práticas; [...] como tudo isso influi de maneira decisiva, em como o professor, compreende e interpreta novos enfoque e propostas”* pedagógicas para a Educação Física Escolar.

3.1 Caracterizando a pesquisa.

Acreditamos que a pesquisa qualitativa, do tipo descritiva é a que melhor pode diagnosticar, analisar e interpretar os dados de acordo com o objetivo proposto nesse trabalho.

Segundo Chizzotti (2006)

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (p.79).

Como a pesquisa qualitativa abrange correntes diferenciadas de pesquisas, entendemos que a descritiva pode contribuir para melhor explicar os fenômenos aqui apresentados.

Na pesquisa descritiva o pesquisador tem a preocupação de registrar, apresentar, descrever e analisar os fenômenos, sem a sua participação direta. Nesse sentido, nessa pesquisa procuramos estudar as características dos 11 professores de Educação Física, a distribuição por sexo, idade, nível de escolarização, área de atuação, trato pedagógico da disciplina, procurando descobrir

como é realizado o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física. Procurando saber como ocorre a relação do fenômeno (os esportes) com a formação humana (alunos). Na pesquisa descritiva uma das técnicas padronizadas de coleta de dados é o questionário. Nele buscamos determinar a natureza da relação entre os assuntos ou temas geradores das perguntas e identificar as situações que ocorrem no ensino do esporte na escola (GIL, 2007).

Para Chizzotti (2006) o questionário como instrumento de coleta de dados:

Consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada (p. 55).

Assim, elaboramos um questionário com 12 perguntas, sendo que as 3 primeiras se referem a identificação, formação e atuação dos professores. As demais questões se referem diretamente ao fenômeno, objeto dessa pesquisa (ver apêndice 1).

Pela objetividade do questionário aplicado e ainda, por entendermos que as questões *“refletem as propriedades essenciais dos objetivos, fenômenos e coisas”* (MOLINA NETO; TRIVIÑOS, 1999, p. 14), acabam por identificar as categorias que são formas de conceitos que respondem à temática pesquisa, nossas perguntas foram transformadas em categorias de análise. Dessa forma as categorias se apresentam como uma propriedade que está presente no universo, que ao mesmo tempo apresenta particularidades, também abrange o todo, ou seja, elas se tornam a síntese capaz de explicar e compreender o fenômeno, no nosso caso, compreender como o esporte está sendo trabalho em algumas escolas de Goiânia.

Nesse trabalho as pessoas elencadas como sujeitos da pesquisa foram 11 professores que atuam na rede de ensino em Goiânia. A escolha por eles foi aleatória, ou seja, simplesmente por fazerem parte do mesmo grupo social ou na relação de trabalho. Contudo, houve a preocupação de manter a seriedade e imparcialidade no decorrer da coleta de dados. Nesse sentido, *“todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimento e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”* (CHIZZOTTI, 2006, p.83).

A nossa participação direta e observacional do grupo de sujeitos, que foram foco dessa pesquisa, nos permitiu elencar o seguinte problema: A metodologia de ensino tratada no interior da escola, não dá conta de materializar a aprendizagem dos esportes, tornando os alunos emancipados quanto as suas diferentes formas de fruição. O que reflete na participação dos alunos nos Jogos Escolares. Esse problema levantado para a pesquisa foi verificado pela observação ocorrida nos próprios Jogos Escolares e em conversar informais com professores que atuam na rede de ensino em Goiânia, além do que foi discutido no decorrer das disciplinas da Pós-Graduação. Vale lembrar que para Chizzotti (2006)

O problema decorre, antes de tudo, de um processo indutivo que se vai definindo e se delimitando na exploração dos contextos ecológico social, onde se realiza a pesquisa; da observação reiterada e participante do objeto pesquisado, e dos contatos duradouros com informantes que conhecem esse objeto e emitem juízos sobre ele (p.81).

Depois de apresentarmos a metodologia utilizada nesse trabalho, passaremos agora a dialogar com os dados da pesquisa.

3.2 Analisando os dados.

A fim de apresentar a contextualização, análise e interpretação dos dados da nossa pesquisa, seguindo um fio condutor, traremos informações que retratam exatamente como ocorreu à coleta de dados. Inicialmente caracterizaremos os sujeitos e sua atuação profissional, para posteriormente analisarmos as propostas curriculares, o planejamento, as abordagens, metodologias e o conteúdo utilizado nas aulas de Educação Física. (MOLINA NETO E TRIVIÑOS, 1999).

3.2.1 Caracterizando os sujeitos e atuação profissional.

Foram entrevistados 11 professores de escolas públicas de Goiânia, sendo 7 do sexo feminino, 4 do sexo masculino e a média de idade dos entrevistados é de 30,72 anos.

No que refere a formação profissional, 4 concluíram a graduação na Universidade Estadual de Goiás (UEG-ESEFFEGO), 3 na Universidade Federal de Goiás (UFG), 2 na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), 1 na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tivemos um professor que não informou em qual instituição de ensino superior ele se graduou. O tempo de formação dos professores gira em média de 8,2 anos. Em relação à formação continuada 7 dos professores entrevistados têm especialização, os demais possuem apenas a graduação.

Dentre os professores entrevistados, 9 atuam em escolas municipais e 2 em escolas estaduais. Dos 9 professores que dão aulas no município, 6 trabalham no Ciclo I, 9 no Ciclo II e 6 no Ciclo III. Vale ressaltar que alguns professores atuam em dois ou mais ciclos, o que identifica um número maior do que os sujeitos pesquisados. Já os professores das escolas estaduais, temos 2 atuando no ensino fundamental e médio, e 1 atuando somente no ensino fundamental.

3.2.2 Planejamento nas aulas de Educação Física e no ensino do esporte.

Foi perguntado aos professores se nas escolas que trabalham possui uma proposta curricular, os professores 1, 4, 7, 8, 9 e 10 afirmaram que suas escolas possuem uma proposta. O professor 6 disse que sua escola não tem proposta curricular, os professores 2, 3, e 5 em suas respostas não definiram se suas escolas tem ou não e o professor 11 não respondeu essa questão.

Dos 6 professores que disseram que em suas escolas têm uma proposta curricular, os professores 1 e 4 confundem a proposta curricular com as abordagens da Educação Física. O professor 3 apresenta os conteúdos trabalhados e não como eles compõem a proposta pedagógica.

O professor 8 tem como proposta curricular da sua escola os PCN's e os professores 9 e 10 utilizam a proposta curricular da Secretaria de Educação, contudo o professor 9 assume não utilizar-se dela.

Os professores 2 e 5 que não responderam sobre a proposta curricular das suas escolas, afirmaram que trabalham com projetos nas aulas de Educação Física.

O professor 7, que embora tenha afirmado que sua escola possui proposta curricular, não soube definir como ela é, simplesmente explicou como se dá a divisão das aulas por trimestre.

Já o professor 1, ao tentar explicar a proposta curricular de sua escola simplesmente relata que o trabalho realizado é de forma interdisciplinar e com temas transversais, como por exemplo, meio ambiente, consciência negra, etc.

Com exceção dos professores 8, 9 e 10 todos os outros não demonstram ter conhecimento sobre o que seja Proposta Curricular.

No que diz respeito a proposta curricular entendemos que os professores ou não entendem o que seja uma proposta curricular ou nem mesmo se preocupam em utilizar a que têm, realizando um ensino descontextualizado do projeto pedagógico. Pois, a proposta curricular de uma disciplina escolar é o fazer acontecer do Projeto Político Pedagógico da escola. Ela deve contemplar a ementa das disciplinas, os objetivos, que devem estar ao alcance da escola, os conteúdos organizados por séries ou anos, a metodologia, ou seja, como o professor vai alcançar os objetivos propostos na ementa e os critérios de avaliação, se realmente aconteceu ou não o aprendizado dos conteúdos. Ao analisarmos as respostas dadas pelos professores entrevistados, notamos desconhecimento do PPP de suas escolas ou não têm conhecimento da proposta curricular. (SACRISTÁN, 1998; COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Em relação ao planejamento anual e como ele é feito, os professores 1, 2 e 11, responderam que não tem planejamento anual e os outros 8 professores responderam que tem. O professor 1 não relatou como o planejamento é feito, o professor 2 faz seu planejamento mensal e diário, dentro do modelo tradicional e o professor 11 nos relata que seu planejamento é semestral com os conteúdos de cada semana.

O professor 4 relatou que decide os conteúdos sozinho e faz um planejamento trimestral, planejando suas aulas, apesar de relatar que sua escola possui um planejamento anual.

Isso aponta certo desconhecimento por parte do professor em relação ao projeto da escola, ou possui um conhecimento superficial ou ainda que, se tem conhecimento, ele não as segue, pois é pelo projeto de qualquer escola, que são

baseadas as propostas curriculares de cada disciplina. Nelas o conjunto de professores define os conteúdos a serem trabalhados em cada ano, ciclo ou seriação, de modo que ele não poderia decidir sozinho. Para Vasconcellos (1995) “o planejamento é uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional.” (apud BOSSLE, 2009, p.77).

Os professores 5 e 6 que trabalham com projetos fazem o planejamento juntamente com os outros professores da escola. Os professores 3, 7 e 10 seguem as propostas sugeridas pelos órgãos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's do MEC (Ministério da Educação) ou as propostas da secretaria de educação, fazendo algumas adequações, como por exemplo, a utilização de temas transversais.

O professor 8 relata que sua escola tem um planejamento anual, mas não respondeu como ele é feito e o professor 9 utiliza o planejamento do ano anterior.

Notamos que o conhecimento da proposta curricular é superficial, pois, os professores não têm uma preocupação em segui-la e não fazem uma reflexão no sentido das finalidades da sua disciplina. Segundo Corrêa; Moro:

Os professores preocupam-se com seu planejamento, sentindo a necessidade de pelo menos listarem os conteúdos ou atividades que vão desenvolver durante o ano letivo [...] Esse planejamento careceria de uma reflexão sobre o papel da Educação Física Escolar, sobre as estratégias para trabalhar os conteúdos e sobre os procedimentos adotados para a avaliação. (2004, p.163)

Ao serem perguntados sobre a organização dos conteúdos nas aulas de Educação Física, os professores 1, 8 e 9 responderam que utilizam a cultura corporal como conteúdo da Educação Física e são trabalhados de forma diferenciada nos anos ou ciclos, pois relatam que a realidade das turmas é diferente e consideram a faixa etária. Entendemos que além das considerações acima é importante dar sentido e significado ao conteúdo, respeitar o tempo pedagogicamente necessário para o aprendizado e o contexto social em que a escola está inserida. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O professor 8 inclui para o terceiro ano noções de primeiros socorros, lazer e consciência corporal. Neste caso, o conteúdo de primeiros socorros foge da especificidade da Educação Física.

O professor 2 trabalha com o projeto segundo tempo com os conteúdos handebol, basquete e dança, mas não respondeu se eles são os mesmos para todos os anos escolares. O projeto segundo tempo é desenvolvido no contra turno escolar, e uma das metas do projeto é a universalização da prática esportiva nas escolas, do esporte institucionalizado. É o esporte na escola e não o Esporte da escola, como as perspectivas críticas defendem. Conforme o Programa Segundo Tempo na Escola disponibilizado no portal do Ministério dos Esportes:

O atendimento do Programa Segundo Tempo (PST), que oferece múltiplas vivências esportivas no contra turno escolar, por meio do Programa Mais Educação do Ministério da Educação, inserindo definitivamente uma proposta de esporte na escola, integrada ao seu projeto pedagógico [...]. O conhecimento da prática esportiva deve informar ao aluno sobre os acontecimentos nacionais e internacionais atualizados, bem como sobre o avanço da ciência e da técnica. (BRASIL, s/d)

O professor 3 utiliza os eixos pedagógicos para os ciclos 1 e 2 da secretaria de educação e trabalha os conteúdos de acordo com a faixa etária.

Os professores 5, 6 e 11 trabalham com projeto de handebol na escola e os conteúdos são diferentes conforme o ano escolar da turma. Além desse conteúdo os professores 6 e 11 também utilizam os temas transversais nas suas aulas. O professor 11 diz que o planejamento é igual para todos os anos, mas utiliza metodologias diferentes. Nestes casos, como trabalham com projeto dentro da Educação Física Escolar e utilizam apenas um conteúdo, eles provavelmente não seguem a proposta curricular da escola e o ensino dos outros conteúdos e modalidades esportivas da Educação Física é negado aos alunos, o que não deveria ocorrer, conforme o Coletivo de Autores, 1992 e Kunz, 1994.

Os professores 4, 7 e 10 utilizam o conteúdo esporte, coletivos, individuais e adaptados. Todos trabalham de acordo com a faixa etária e maturidade da turma e o professor 7 enfatiza o respeito ao corpo humano e utiliza jogos com execuções diferentes. Para além do que foi relatado pelos professores, devemos ainda objetivar:

Com o objetivo maior voltado à formação de um aluno que consiga não só assimilar o conhecimento, mas reformulá-lo, compreendendo-o e apropriando-se dele, o ambiente em que vive poderá ser transformado. O mundo dos esportes modifica-se a partir do momento em que mais e mais alunos recebem conhecimentos

específicos sobre eles em sua formação, a ponto de redimensioná-los. (NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012, p.66)

Em relação ao planejamento das aulas dois professores não responderam, são eles, os professores 2 e 8.

O professor 3 relata que escolhe os conteúdos juntamente com os alunos, pesquisam jogos brincadeiras, brinquedos e esportes. O professor 3 trabalha na perspectiva de Kunz e destacamos a preocupação em ouvir o aluno; é a ação comunicativa que Habermas defende. Linguagem corporal e verbal faz parte das ações de professores e alunos para novas encenações dos esportes, a fim de “atender aos interesses da Educação e ao desenvolvimento de todos os alunos.” (KUNZ, 1994)

Os professores 1, 5, 6 e 7 consideram as características das turmas, idade biológica e cronológica, limites e possibilidades, além da coordenação motora, do cognitivo e amadurecimento para trabalhar os esportes de forma progressiva.

O professor 4 trabalha com noções de esportes e sua história para as crianças menores. Já para os alunos maiores de 12 anos trabalha com as regras dos esportes e a técnica, mas sem cobrar a perfeição. Comete um grande equívoco, pois com os alunos menores deveríamos nos preocupar com o desenvolvimento global da criança, utilizando-se de jogos e brincadeiras, da ludicidade, da recreação a fim de “entrar” no universo da criança. “As crianças devem ser educadas como crianças, e como tal, os educadores devem estar atentos às características de seu desenvolvimento na primeira infância (0 a 6 anos).” O jogo está ligado de forma íntima e necessária ao desenvolvimento da criança e elas ainda sofrem influências do meio em que vivem. Devemos observar os aspectos culturais e corporais para melhor desenvolver nossas aulas a fim de alcançar uma melhor formação da criança. (Souza, 2012, p.36). Manter crianças nessa faixa etária sentada e ensinar-lhes a história e noções de esporte em nada contribuirá para o seu desenvolvimento e ainda, elas não têm discernimento para compreender tal conteúdo. Quanto às crianças a partir de 12 anos o professor 4 trabalha na concepção de iniciação esportiva, o que também vai de encontro com a abordagem que relata utilizar, a crítico-emancipatória.

Deve fornecer uma compreensão enquanto fenômeno sociocultural e histórico [...] O objeto de estudo deve se concentrar mais sobre todas as formas de manifestação humana e de forma contextualizada,

onde Ser Humano e movimento são relevantes tanto ao agir e pensar como para as relações entre os próprios Homens. (KUNZ, 1994, p.61)

O professor 9 trabalha os esportes de forma lúdica, mas não nega a técnica. Além da forma lúdica os alunos deveriam ter contato na prática do esporte institucionalizado, pois se o professor não identificá-lo ou caracterizá-lo, estará negando conteúdo. O aluno deve ser capaz de identificar as modalidades esportivas vistas na mídia ou quando praticadas de forma amadora ou no lazer, por exemplo, e não apenas as formas adaptadas ao seu universo escolar e social.

O professor 10 trabalha dos fundamentos até as regras de cada esporte, seu planejamento é bimestral e não identificou qual abordagem da Educação Física ele utiliza em suas aulas.

O professor 11 relata que o planejamento dos conteúdos é mensal e é feito através de livros e vídeos. Entendemos que um conteúdo para ser melhor apreendido deveria ter um tempo maior do que o mensal e ainda lembrando que devemos respeitar o tempo pedagogicamente necessário para o aprendizado de cada aluno. Por exemplo, o Handebol, podemos ensiná-lo em um mês? Compreender melhor o fenômeno esportivo, entender as mudanças históricas, possibilidades de novas encenações e vivências diferentes, etc.? Parece-nos um tempo curtíssimo para tanto conteúdo de uma só modalidade.

Dentro da abordagem crítico-emancipatória que o professor 11 relata utilizar, imaginamos que ele trabalhe com o que Kunz chama de Cultura de movimento, através da encenação:

A encenação enquadra-se bem no mundo dos esportes, pois, como no teatro, a encenação significa colocar o mesmo de forma sempre renovada em cena. No esporte também é assim, dizem Dietrich/Landau (1990), ou seja, há papéis predeterminados, regras a serem seguidas, o desempenho dos papéis depende de um texto, ou de um livro texto, onde a abordagem e as ações são rigidamente estabelecidas, especialmente quando se trata de apresentações oficiais. (1994, p. 62)

Em relação à abordagem da Educação Física utilizada, os professores 2, 3 e 7 trabalham na perspectiva crítico-superadora, sendo que o professor 2 diz que é um misto de desenvolvimentismo com a perspectiva de Kunz. Já o professor 3 utiliza ainda Paulo Freire e o Coletivo de Autores.

O desenvolvimentismo e a abordagem crítico-superadora têm caracterizações diferentes, o que nos parece impossível de acontecer durante as aulas do professor 2. O Coletivo de Autores (1992, p.19) têm uma visão de totalidade do conhecimento específico da Educação Física, *“onde está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída.”* Apresenta ainda novas concepções do ensino aprendizagem e avaliações continuadas.

Já a abordagem desenvolvimentista de Go Tani, os professores trabalham atividades partindo do menos para o mais complexo, a fim de alcançar a aprendizagem motora desejada e melhorar a *performance* do aluno, colaborando para o alcance do movimento perfeito. A avaliação é feita pela observação e correção das habilidades motoras para o domínio da técnica, principalmente pela repetição do gesto. (CARVALHO, 2012, p.4)

O professor 3 relata que utiliza as abordagens do Coletivo de Autores e de Paulo Freire. Apesar do Coletivo de Autores se basearem no materialismo histórico dialético e Paulo Freire na fenomenologia existencial, elas se aproximam em alguns pontos, como os temas sociais, reconhecimento da identidade do aluno, bem como a valorização de sua experiência anterior, os conteúdos advindos da realidade cultural e social, etc. (SAVIANI, s/d, p.1)

Os professores 4, 5, 6 e 11 utilizam a abordagem crítico-emancipatória e o professor 5 trabalha também com a iniciação esportiva universal. Essas duas abordagens não tem relação entre si, logo, ocorre mais um equívoco por parte do professor 5. Kunz utiliza um método de ensino procurando dar sentido e significação aos conteúdos e a iniciação esportiva universal, de Pablo Grego, trabalha de forma situacional, o desenvolvimento corporal é feito pela aprendizagem motora, utiliza situações do “jogo propriamente dito” para o ensino do conteúdo.

O professor 4 se contradiz quando relata utilizar esta abordagem, a crítico-emancipatória, pois no seu planejamento ele trabalha na concepção de iniciação esportiva para os alunos de 12 anos acima. Na abordagem crítico-emancipatória o ensino vai além dos esportes, ela abarca todo e qualquer conteúdo relacionado com o movimento humano.

O professor 1 utiliza autores como Valter Bracht e Daólio, mas não concorda plenamente com suas teorias. Valter Bracht é um dos autores da abordagem crítico-superadora e centra seus estudos no esporte pelo viés da sociologia. Ele faz críticas ao esporte e preocupa-se em legitimar a Educação Física na escola, ampliando o conceito de cultura corporal de movimento. Já Jocimar Daólio tem como foco de estudo a antropologia social, que discute a Educação Física pela dimensão cultural, uma área que não trata apenas do corpo e do movimento, mas trata-se do, “*Ser Humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo.*” (2004, p.70).

O professor 8 afirma trabalhar com Educação Física Escolar e nesse caso percebemos um equívoco, pois Educação Física Escolar é a disciplina e não uma abordagem a ser privilegiada nessa disciplina. O professor 9 relata que trabalha na perspectiva crítica, mas não cita qual delas. Já o professor 10 não respondeu qual a abordagem que utiliza em suas aulas.

Foi perguntado aos professores se a abordagem utilizada nas aulas está de acordo com o PPP da escola. A esse respeito, 6 professores responderam que sim, o professor 9 afirma que a abordagem utilizada não está de acordo. O professor 1 relata que está parcialmente de acordo, pois não concorda com o PPP da escola. Os professores 2 e 11 não responderam a questão e o professor 4 relata não conhecer o PPP e que ele ainda está em construção.

O professor 1 relata concordar parcialmente com o PPP de sua escola, mas não ficou claro se ele teve participação efetiva na sua elaboração, e como não concorda, não explicita quais suas ações para mudar essa realidade. Uma vez que a proposta pedagógica é fruto do Projeto Político Pedagógico da escola, que é resultado da discussão coletiva da comunidade escolar. O PPP ao direcionar o ensino, aponta: a teoria pedagógica que o sustenta, a metodologia de ensino, os conteúdos, o tipo de educação e Educação Física que a escola pretende adotar, considerando a realidade social da comunidade, a qual a escola pertence.

Foi perguntado aos professores se eles trabalhavam em parceria com os demais professores da área e se eles utilizavam a mesma abordagem. Quanto a essa questão os professores 1 e 7 responderam que trabalham de forma isolada na escola. Os professores 8 e 9 afirmam que trabalham em conjunto com os outros professores de Educação Física e utilizam a mesma abordagem. Os professores 2, 4, 5, 6, 10 e 11 não utilizam a mesma abordagem e não trabalham em conjunto.

O professor 3 relata que a maior parte não é em conjunto e que sente falta dos planejamentos realizados semanalmente, pois no momento não acontecem mais nas escolas.

O planejamento dos professores de Educação Física de qualquer escola deveria ser elaborado e aplicado de forma conjunta, coletiva, no que se referem à abordagem, pois ela direciona os objetivos, os conteúdos, as metodologias de ensino, etc. O aluno, o professor e os instrumentos educativos devem formar uma totalidade no processo de ensino-aprendizagem. Pois numa educação que responda aos anseios dos alunos de forma crítica, não tem lugar para professores que realizam seus trabalhos desconectados do projeto político da escola e nem de forma isolada, ensinando somente aqueles conteúdos que têm mais domínio e facilidade para ensinar.

3.2.3 O esporte na escola e nas aulas de Educação Física.

Buscamos investigar qual o objetivo do ensino dos esportes na escola e nas aulas de Educação Física. Em relação a esse tópico, todos os professores entrevistados responderam que não objetivam o ensino dos esportes para os jogos escolares e nem para as olimpíadas escolares.

O professor 3 relata ser contra os jogos escolares, mas não explicita os motivos. Os professores 4 e 6 dizem que participam dos jogos, mas que não é o foco da escola.

Os professores 2 e 11 responderam que ao ensinar os esportes nas aulas de Educação Física visam o desenvolvimento humano da criança. O professor 5 visa a cidadania. Os professores 1 e 7 enfatizam o conhecimento historicamente construído, a relevância, o contexto social e a apresentação do esporte para os alunos.

O professor 8 trabalha em suas aulas, visando a participação de todos e não dá ênfase na técnica de cada modalidade.

O professor 9 justifica não objetivar os jogos escolares por causa do tempo de aula e pela bimestralidade implantada pela secretaria de educação. O professor

10 diz que trabalha no turno noturno e por isso seus alunos não podem jogar nas olimpíadas escolares, pois trabalham nos outros turnos.

Quando perguntados se utilizam outro horário para os treinamentos, todos os 11 professores entrevistados responderam não utilizar outro horário para treinamento dos esportes.

O professor 1 relata que o momento de aula não é para treinamento e o professor 3 é contra os jogos escolares.

O professor 2 que trabalha com o projeto de handebol, respondeu que o projeto prevê somente o horário de aula. Esse professor é um dos que trabalha com projetos e não utiliza de uma proposta curricular para a Educação Física, suas aulas são baseadas no ensino do handebol.

Os professores 4, 5, 6, 7 e 11 que não utilizam outro horário para os treinamentos não detalharam como trabalham o esporte em suas aulas.

O professor 8 utiliza suas aulas visando a formação de escolinhas de futsal, handebol, basquete e vôlei, mas também não relatou de que forma trabalha e seu planejamento para cada conteúdo. Relatou anteriormente utilizar a abordagem Educação Física Escolar. Educação Física Escolar não é abordagem e sim a disciplina e com essas afirmações podemos concluir que este professor trabalha de forma descontextualizada do que realmente seja a disciplina escolar, dá a ideia de pouco conhecimento da especificidade da área em que atua. Em suas respostas, em todo o questionário, transparece certa falta de planejamento, de conhecimento da proposta da escola, apresentando assim, um trabalho isolado fora da realidade educacional atual.

O professor 9 trabalha em suas aulas na perspectiva de treinamento, contudo esse treinamento nem objetiva a participação em jogos escolares, pior ainda, afirma que a abordagem que trabalha é crítica. Dessa forma podemos perceber que o trabalho realizado por esse professor é totalmente contraditório e equivocado, pois jamais em uma abordagem crítica o ensino do esporte pode ser na perspectiva de treinamento e muito menos ser o único conteúdo da Educação Física. Já professor 10 diz que se tivesse mais tempo treinaria seus alunos no próprio turno, isso pode ser compreendido que o treinamento aconteceria nas aulas de Educação Física.

Diante do que foi apresentado no decorrer da análise dos dados observamos que nossa preocupação inicial, que no decorrer do curso foi até certo ponto nos angustiado, foi comprovada. Assim, nas aproximações conclusivas estaremos apresentando nossas impressões finais acerca do que foi encontrado nos questionários respondidos pelos professores.

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Esse trabalho de pesquisa foi realizado na perspectiva de identificar como ocorre nas aulas de Educação Física Escolar, o ensino do conteúdo esporte, no sentido de saber por que os alunos saem das escolas sem um conhecimento mínimo, teórico e prático, no que diz respeito a este conteúdo.

Entendemos que para um ensino ser significativo para o aluno, o professor necessita ser um mediador do conhecimento. Todavia esse conhecimento precisa ser respaldado pela proposta curricular da disciplina, que por sua vez seus elementos didáticos essenciais devem ser subtraídos do Projeto Político Pedagógico. Pois o PPP é o documento legal, construído e constituído de forma coletiva, que direciona toda e qualquer ação referente a prática pedagógica na escola, além inclusive, da forma de gestão da escola. Tais pressupostos nos ajudaram a compreender e desvelar como tem sido o trabalho dos professores pesquisados.

Outro fator preponderante que nos auxiliaram na análise dos dados, foi a leitura e o diálogo travado com autores que pesquisam e estudam sobre a temática desse trabalho. Assim, o que consideramos relevante foi respaldo pelas nossas interpretações das obras referenciadas e que agora apresentamos nessas aproximações conclusivas, uma vez que entendemos que esse tema não se esgota, é necessário que outras pesquisas, com outros enfoques, sejam realizadas.

Nesse sentido, passamos a apresentar nossa concepção final acerca de nosso trabalho. No que se refere à prática da Educação Física nas perspectivas críticas os entendimentos dos professores em relação aos conceitos e metodologias utilizadas são equivocados. As propostas curriculares não são observadas, o PPP da escola é ignorado, a falta de planejamento coletivo e anual adequado prejudica a sequencialidade e o aprendizado dos conteúdos por parte dos alunos.

Nas perspectivas críticas da Educação Física o planejamento deveria acontecer de forma coletiva, avaliando continuamente os alunos e oferecer metodologias adequadas para atingir os objetivos propostos. Os professores realizam seus trabalhos isoladamente e como querem, e mesmo quando possuem uma proposta curricular, não a utiliza na prática escolar.

Quanto ao ensino do esporte nas aulas de Educação Física defendemos que ele seja um dos conteúdos e que a técnica, relacionada a forma de executar os fundamentos e ações de cada modalidade esportiva devem ser ensinadas e não negadas. Pois nenhum conhecimento deve ser negado, em nenhuma abordagem da Educação Física, seja ela crítica ou não. O que deve ser modificado nas aulas é a forma como o professor ensina a técnica, ou seja, ela deve ser ensinada na perspectiva de que o aluno aprenda a executar o movimento ou ação, sem, contudo exigir a máxima perfeição técnica.

Dessa forma, o ensino do esporte nas aulas de Educação Física deve ser na perspectiva que ele tenha sentido e significado, para que os alunos tenham autonomia para decidir como utilizá-lo e em que momento, no lazer ou em competições.

Outro ponto importante é em relação aos treinamentos das equipes para a disputa dos jogos ou olimpíadas escolares. Todos os professores entrevistados não possuem um horário específico para desenvolver esse trabalho. Inclusive dois deles utilizam o horário das aulas de Educação Física para isso, o que aponta um equívoco em relação ao que deve ser ensinado, ou seja, deixando de lado um rol de conteúdos que deveriam estar presentes nas aulas.

É do nosso entendimento que os treinamentos não devem ocorrer no horário das aulas de Educação Física, mas deveria existir outro momento para os treinos e aprofundamentos necessários para a formação de uma equipe esportiva. Pois os objetivos das aulas e dos treinamentos são diferentes. Haja vista que nos treinamentos participariam aqueles alunos que despertaram interesse na modalidade quando lhes foi apresentado no decorrer das aulas de Educação Física e que decidiram participar de competições esportivas oficiais.

Nas aulas de Educação Física devemos tematizar os esportes de forma situacional/relacional, temos que atender as especificidades sócio-cultural em que a escola está inserida e as subjetividades dos sujeitos, nossos alunos. As experiências devem ser múltiplas a fim de que os alunos tenham inúmeras possibilidades de representação/encenação do esporte, nas suas várias formas, institucionalizadas, adaptadas e reinventadas pelo “Ser Humano”.

A Educação Física que se espera, propõe que o seu tempo e seu espaço na escola seja um lugar em que ocorram as trocas de experiências e experimentações

corporais e a socialização dos conhecimentos, auxiliando o aluno a pensar de forma autônoma e crítica os seus conteúdos, no caso da nossa pesquisa, o esporte. É preciso superar visões distorcidas e de senso comum a respeito do papel da disciplina, como por exemplo, a de que Educação Física é apenas recreação, ou que ela serve de base para a formação de futuros atletas, ou ainda que ela seja promotora de saúde.

Constatamos que os professores pesquisados têm pouco conhecimento da especificidade da área, confundem abordagens, não realizam o trabalho de forma coletiva, ignoram as propostas curriculares e realizam o trabalho de forma isolada e como imaginam ser o correto.

Para tentar sanar os equívocos é preciso que os professores:

Se engajem na dinâmica histórica, que se percebam como agentes educacionais e, como tal, assumam uma postura profissional, ética e democrática frente aos saberes constituídos com base em estudos e experiências educacionais, principalmente, as desenvolvidas no decorrer dos últimos vinte e cinco anos” (SOUZA, 2007, p. 70,71).

Esse engajamento só ocorrerá com a formação continuada dos professores, com a participação em fóruns, seminários e congressos, com discussões e críticas acerca das perspectivas atuais, com sugestões de novas propostas, enfim, com participação ativa no universo da Educação.

Além desse constante processo de formação, nós professores devemos aplicar nossos conhecimentos teóricos no dia a dia das aulas, no chão da escola, e assumir um posicionamento claro e explícito acerca dos rumos da nossa contribuição educacional para a formação dos alunos. Dessa forma estaremos cumprindo com o nosso papel de formadores de seres humanos autônomos, críticos e participativos e com capacidade para intervir nos rumos da sociedade em que vivemos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BELBENOIT, Georges. **O Desporto na Escola, temas pedagógicos**. Editora Estampa, 1974.

BOSLE, Fabiano. **Quem Aprende? Pesquisa e Formação em Educação Física Escolar**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9394/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acessado em 15 de maio de 2013.

BRASIL, Ministério dos Esportes. Programa Segundo Tempo. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/snelis/segundotempo/maiseducacao/default.jsp>. Acessado dia 9 de maio de 2013.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação física da Escola e a Educação Física na Escola**. Vitória: UFES, Centro de Formação Física e Desportos, 1997.

CARVALHO, Daniela de Lima. **A Avaliação do Ensino Aprendizagem nas Diversas Abordagens Metodológicas da Educação Física: sua importância na formação do educando**. Artigo apresentado na conclusão da disciplina da especialização intitulada Organização do Trabalho Pedagógico em Educação Física Escolar. UFG/FEF, Goiânia, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 1992. São Paulo, Editora Cortez.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna; MORO, Roque Luiz. **Educação Física Escolar: reflexão e ação curricular**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2004.

DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, Pensar, Agir – corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

HILDEBRANDT, Stramann Reiner. **Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física**. Ijuí, Editora Ijuí, 2001.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí, Ed.UNIJUÍ, 1994.

LISTELLO, Auguste. **Educação pelas Atividades Físicas, Esportivas e de Lazer**. São Paulo: EPU, 1979.

MARINHO, Vitor. **O Esporte pode Tudo**. São Paulo, Editora Cortez, 2010.

MARTINS, Pura Lúcia O. **Conteúdos escolares: a quem compete a seleção e organização?** In: VEIGA, Ilma. P. A. (coord.). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1991.

MATTOS, Mauro Gomes de; JÚNIOR, Adriano José Rossetto; BLECHER, Shelly. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física**. São Paulo, Ed. Phorte, 2004.

MOLINA NETO, Vicente TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (Orgs.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a Saúde nos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Libertadora* (verbete) disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/index.html>. Acessado em 21 de maio de 2013.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas/SP, 3ª edição, Ed. Autores Associados, 1994.

SOUZA, Maristela; BACCIN, Ecléia Canei. **Revista Movimento**. Volume 15, número 3, 2009.

SOUZA, Nilva Pessoa de. **O ensino das disciplinas esportivas coletivas nos cursos de licenciatura em Goiás: um estudo descritivo.** (Tese de doutorado). Faculdade de Educação Física/UNICAMP. Campinas, 2007.

_____, Nilva Pessoa de. Pesquisa e Ensino em Jogos e Brincadeiras. In Goyaz, Marília de. **Licenciatura em Educação Física.** Goiânia: FUNAPE/UFG/CIAR, 2011.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO

1) Dados do professor entrevistado:

Sexo: Feminino () Masculino ()

Idade:

Instituição que concluiu a graduação:

Ano de conclusão:

Especialização: Sim () Não () Ano de conclusão:

Mestrado: Sim () Não () Ano de conclusão:

2) Você dá aulas em escola:

Pública Municipal () Pública Estadual () Particular ()

3) Em quais anos (série, ciclo) você dá aulas?

4) Sua escola possui uma proposta curricular para o ensino da educação física?
Qual?

5) Você faz planejamento anual da E.F.? Como é feito?

6) Quais os conteúdos da Educação Física fazem parte do seu planejamento? É igual para todos os anos escolares?

7) Como é o planejamento das aulas de esportes para os diferentes anos escolares?

8) Qual a abordagem da Educação Física utilizada nas suas aulas para ensinar o conteúdo esporte?

9) A abordagem utilizada está de acordo com o PPP da escola?

10) Seu trabalho é desenvolvido juntamente com os outros professores de Educação física, no sentido de utilizarem a mesma abordagem de ensino?

11) No caso do conteúdo esporte, você objetiva o ensino da modalidade para a disputa dos jogos escolares estaduais e conseqüentemente as olimpíadas escolares? Por quê?

12) Você utiliza outro horário para o treinamento das equipes que disputarão os jogos escolares ou somente o horário de aula de Educação Física?